

## CULTURA ESCRITA E CRENÇAS GUARDADAS EM CARTAS AO BOM JESUS DA LAPA

Elvina Perpétua Ramos Almeida  
UFMG/ UNEB  
elvinaramos@hotmail.com

Isabel Cristina Alves da Silva Frade  
UFMG  
icrisfrade@gmail.com

Este texto tem como objetivo apresentar considerações e análises, como parte dos estudos até então realizados em pesquisa de doutorado, cujo objeto de estudo são as cartas de devotos que são depositadas no Santuário Bom Jesus da Lapa, localizado no município de Bom Jesus da Lapa-Bahia - um marco do catolicismo no Brasil, que se consagrou como um lugar de romarias desde o final do século XVII. As romarias, segundo Steil (1996, p. 56), “oferecem um amplo repertório linguístico de signos e ritos que os romeiros manipulam para lidar com as situações novas colocadas pela modernização”. É que as romarias incorporam compreensões e práticas diversas, por diferentes pessoas e grupos envolvendo diferentes práticas discursivas de cunho religioso. Da Matta (1986) comparando as fronteiras entre o mundo em que vivemos e o outro mundo, destaca que o modo de comunicação com o além é formalizado e suplicante, feito de preces, rezas, discursos e promessas. Assim, para louvar, agradecer ou para pedir ao santo o devoto usa diversas linguagens. As cartas são oferendas, entre tantas outras expostas no Santuário, por agradecimento pelo alcance de uma graça – o *ex-voto*; ou uma súplica dirigida à divindade, como um ato prévio ao milagre – o *voto* (SILVA, 1981). Assim, a carta *votiva* ou *ex-votiva* constitui uma prática devocional e faz referência à promessa e ao benefício alcançado. Para Bouvet (2006), a carta é um gênero que faz da ambivalência um traço inerente à matriz epistolar, seu caráter paradoxal situa-se entre oralidade e a escrita, o público e o privado, a ausência e a presença, a realidade e a ficção e, no caso das cartas *votivas* e *ex-votivas*, o sagrado e o profano. Com fundamentos na teoria dialógica de Bakhtin ([1986] 1993, p. 95), consideramos que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Esses enunciados escritos guardam crenças diversas. Por meio das cartas ao Bom Jesus, entendidas como práticas sociais, propomos compreender como um determinado grupo usa a leitura e escrita (BARTON, 2007; KALMAN, 2003). Nesse sentido, indicamos a seguinte questão: que crenças estão implícitas ou explícitas em cartas ao Bom Jesus da Lapa? Trata-se de uma pesquisa qualitativa, construída a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: observação participante, anotações em diário de campo, análise documental e entrevistas (FLICK, 2009). O conceito de cultura escrita segundo Galvão (2004), como “o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade”, contribui para compreensão das cartas como produtos culturais, sociais e

históricos que os devotos escrevem movidos pela força da fé em um milagre. Essas escritas, tratadas na pesquisa como documentos e discursos, considerados também na sua materialidade e contexto de exposição são de grande importância e legitimidade cultural, realizam-se tendo por base experiências íntimas, manifestam existências e (re)afirmam identidades e trazem em si também um apelo político. Além dessas características, ao serem compartilhadas publicamente, abrangem ao mesmo tempo os espaços público e privado. Nas cartas ao Bom Jesus é possível presumir algumas abordagens e crenças desses indivíduos em relação à escrita e também recuperar aspectos sociais que são refletidos no seu conteúdo, formato e suportes. São narrativas particulares, com forte apelo emocional, ao mesmo tempo em que contemplam expectativas positivas fundamentadas na fé religiosa. Práticas envolvendo cultura escrita, os letramentos e gêneros discursivos dessa natureza, em que os enunciadores se autorizam a valer de suas escritas de fé, necessitam de maior reconhecimento, visibilidade e pesquisas. Percebemos a dimensão da romaria como um elo de ligação entre o Santuário e o devoto, fazendo com que este mantenha intercâmbios de comunicação com o sagrado por meio de objetos votivos, a exemplo das cartas – depositadas pelo próprio devoto, ou por outra pessoa. Por fim, as análises permitiram observar formas heterogêneas de ser letrado; estratégias diferenciadas de discursos em relação aos aspectos da carta como autor, data, contexto, destinatário e narrativa; caligrafias e suportes, bem como estratégias próprias para justificar ao santo o merecimento do milagre.

**Palavras-chave:** cultura escrita; cartas *votivas* e *ex-votivas*; Santuário Bom Jesus da Lapa.

### Referências

- BARTON, David. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. 2 ed. Oxford: Blackwell, 2007.
- BAKHTIN, M; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 261-306.
- BOUVET, Nora Esperanza. *La escritura epistolar*. Buenos Aires: EUDEBA, 2006.
- DAMATTA, Roberto Augusto. Os caminhos para Deus. In: \_\_\_\_\_. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco. 1986.
- FLICK, Uwe. *Etnografia e observação participante*. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Cultura escrita. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Org.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

KALMAN, Judith. *Escribir en la plaza*. México, D.F. Fondo de cultura Económica, 2003.  
SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes do Brasil: leitura museológica*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981.

STEIL, Carlos A. *O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.